

Jornal do MOSAICO

Número 07
Maio/Junho de 2013

Projeto Turismo Ecocultural de Base Comunitária no Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu
Acordo de Cooperação Financeira entre o Fundo Socioambiental Caixa e o Instituto Rosa e Sertão



Foto: Hebert Canêla

MOSAICO DISCUTE

Por um outro modelo de turismo

Buscando empoderar e fortalecer as comunidades locais, o turismo de base comunitária se afirma como alternativa de relação entre visitantes e anfitriões

PÁGINAS. 4 E 5

GERAIS

PÁGINA 3

Seminário avança no projeto de cooperação com a França

Curso de empreendedorismo em hospedagem e alimentação reúne participantes em Januária, Chapada Gaúcha e Itacarambi

VEREDAS

PÁGINA 6

A difícil convivência entre pequenos produtores e agentes do agronegócio no entorno de áreas protegidas



Foto: Carol Abreu

DAQUI

PÁGINA 7

A 40 km de Januária, Bauzinho é presidente da cooperativa, pedreiro, marceneiro, poeta e sanfoneiro



Foto: Andre Fosatti/Divulgação

SUSPIRÂNCIA

PÁGINA 8

Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas já tem data marcada para 2013

NONADA

PÁGINA 8

Raimundo Nonato inaugura coluna literária com "Um dedo de prosa catrumana"

PÃO OU PÃES

EDITORIAL

Discorrer sobre o sertão não é tarefa fácil. Guimarães Rosa que o diga com mais propriedade. Mas mesmo com os vários mata-burros que tivemos que saltar no caminho que nos traz até aqui, não nos esquivamos frente à tarefa de tentar traduzir, transluzir, transcriar uma ponta da complexidade desse microcosmo que mexe tanto com nosso imaginário, assim como com o utilitário e econômico. O sertão é pragmatismo simbólico, e vice-versa. E será entre estas duas margens que os textos em rima e prosa que aqui trazemos vão tentar navegar e, quem sabe um dia, encontrar a terceira margem do rio do conhecimento?

Quando pensa que não... Nesta edição, trazemos a história de vida de um menino sertanejo que virou poeta, cordelista, músico e presidente de Cooperativa. O relato da troca de saberes com um pessoal que veio lá do outro lado do mar só para conhecer Januária, o grande sertão e o povo daqui. Tem poesia sobre a lida diária com a terra, de autor com nome de santo católico. Tem, também, o caso de um cachorro que não se via nesses Gerais há mais de cem anos. E tem muita prosa boa sobre o passado, presente e futuro desse território sagrado, onde os pastos carecem de fechos. Vamos parar para pensar ainda um pouco sobre os vários significados da palavra desenvolver, des-envolver, tirar aquilo que envolve, vindo do francês "développeur", ou "des-envelopar", retirar do envelope. Será que esse verbo explica o que se quer pr'essa terra? Mas

qual envelope está envolvendo o sertão (e o resto do mundo?), e do qual temos que retirá-lo para que este desdobrar possa ocorrer? Quais cercas nos constroem - como o "abraço da sucuriú" - e devemos lacear para ficarmos mais anchos no mundo? Talvez fosse mais justo falarmos sobre "envolver" o sertão e sua gente. Enfim, quase que nada não sabemos. Mas desconfiamos de muitas coisas...

O Conselho Editorial

Nesta edição esse texto contou com contribuições de Marco Túlio da Silva Ferreira, Biólogo e Gestor Técnico do Projeto 'Extratativismo Vegetal Sustentável' no Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu, executado pela Cooperativa Sertão Veredas.

PONTO DE VISTA - Que Mosaico queremos para viver?

por Cássio Alexandre da Silva*

A concepção de "desenvolvimento" (a partir do prefixo "des" e do radical "envolvimento") nos faz refletir sobre duas vertentes dessa ideia, sendo uma negativa e outra positiva. A negativa é dirigida essencialmente às questões que trazem à tona conflitos socioambientais, políticos, econômicos. Diferentemente, a vertente positiva reafirma soluções e propostas de boa educação e saúde junto à qualidade de vida, com harmonia ambiental e liberdade.

Longe dessas duas vertentes reflexivas, etimológica e semântica, mas na tentativa de explicar o concreto conceito denotativo, vivemos no Mosaico Sertão Veredas - Peruaçu uma realidade com suas contradições e abstrações conotativas. Nos 11 municípios que perfazem as Áreas Protegidas do Mosaico, o território com seus limites e fronteiras demarcadas apresenta inúmeras diversidades de territorialidades em suas funções, problemas, conflitos, culturas e representações simbólicas.

A pressão antrópica versus as prioridades de integração e conservação da biodiversidade tornam-se, em suas igualdades e diferenças, o maior conflito "Sociedade-Natureza/Natureza-Sociedade". Entre desmatar; fazer carvão e queimar; ampliar monocultura de eucalipto ou mesmo de agricultura; ampliar pastos para a pecuária; aplicar agrotóxicos; e

degradar o solo e as nascentes, é preferencial buscar soluções como plantar sustentavelmente; proteger espécies dos biomas do Cerrado e da Caatinga; revitalizar nascentes; conhecer e reconhecer as populações tradicionais e suas culturas.

Na leitura de Augusto de Franco, em "O lugar mais desenvolvido do mundo: investindo no capital social para promover o desenvolvimento comunitário" (2004), podemos compreender melhor o exemplo do Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável - DLIS. Apesar de ser mais uma técnica e/ou método de desenvolvimento, pode-se verificar a aproximação filosófica, política e ideológica das pessoas e suas inúmeras relações com o meio ambiente, inclusive com o Capital. As tecnologias sociais podem ser absorvidas e reproduzidas a partir de parcerias entre o Estado e o Terceiro Setor, assim ampliando, de forma participativa e flexível, os novos espaços e caminhos, para que, juntos, possam minimizar os conflitos socioambientais.

Fica, aqui, o questionamento que deve ir para além da memória do nosso título: "Que Mosaico queremos para viver?"

*Cássio Alexandre da Silva é Conselheiro do Mosaico Veredas-Peruaçu, representante da Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes.

EXPEDIENTE

Informativo do Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu

Financiado pelo Projeto Turismo Ecocultural de Base Comunitária no Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu - Acordo de Cooperação Financeira entre o Instituto Rosa e Sertão e o Fundo Socioambiental Caixa.

Instituto Rosa e Sertão

Tereza de Jesus Silva Santos - Presidenta
Damiana Campos - Coordenadora Executiva
Danielle Alves - Coordenadora do Projeto Turismo Ecocultural de Base Comunitária no Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu

Conselho Consultivo do Mosaico Sertão Veredas - Peruaçu

Presidente: Helen Duarte - IEF - Gerente das APAs Pandeiros e Cochá e Gibão
Secretário Executivo: Cesar Victor do Espírito Santo - Funatura - Fundação Pró-Natureza - Superintendente Executivo

Conselho Editorial do Jornal do Mosaico

Danielle Alves - Coordenação do projeto 'Turismo Ecocultural de Base Comunitária no Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu'
Damiana Campos - Coordenadora Executiva Instituto Rosa e Sertão
Cesar Victor do Espírito Santo - Superintendente Executivo - Funatura
Débora Takaki - Prefeitura Municipal de Januária - Secretária de Meio Ambiente
Hamilton dos Reis Sales - Membro do Grupo de Espeleologia e Estudos Orientados de Januária
Hebert Canela Salgado - Instituto Grande Sertão
José Fino - Associação Quilombola 'Vó Amélia'
Marcelo Juliano Rabelo Oliveira - Instituto Biotrópicos
Marco Túlio da Silva Ferreira - Gestor Técnico do Projeto 'Extratativismo Vegetal Sustentável' no Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu'

Expediente

Jornalista Responsável: Carolina Abreu Albuquerque (Reg. Prof. 18.140/MG)
Redação: Carolina Abreu Albuquerque
Projeto gráfico: Amanda Rabelo Cardoso
Revisão gramatical: Danielle Alves Lopes
Impressão: JDC Comunicação Integrada
Tiragem: 3.000 exemplares

É permitida a reprodução de matérias e artigos, desde que citados a fonte e o autor.

Instituto Rosa e Sertão

Rua Serra das Araras, 795 - Bairro Alto São João - Chapada Gaúcha/MG
CEP: 39314-000 / Telefone: (38) 3634-1463
E-mail: rosaesertao@gmail.com
Blog: www.rosaesertao.blogspot.com

CARTAS DO LEITOR

Gostou do que leu? Não concorda? Quer dar sugestões, completar uma informação ou colocar sua opinião? Você também pode participar do Jornal do Mosaico. Envie suas impressões para o e-mail jornaldomosaico@gmail.com, ou para a sede do Instituto Rosa e Sertão, que fica na Rua Serra das Araras, 795 - Bairro Alto São João - Chapada Gaúcha/MG - CEP: 39314-000. A cada nova edição, o Conselho Editorial vai selecionar algumas cartas e e-mails para a publicação. Participe!

Seminário reúne representantes do Mosaico Sertão Veredas – Peruaçu, gestores e pesquisadores do norte da França

Entre os dias 4 e 8 de março, Januária recebeu a visita de pesquisadores e gestores ambientais franceses para uma conversa sobre território. O I Seminário de Intercâmbio Técnico entre o Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu e o Parque Natural Regional Scarpe-Escout é o primeiro passo no projeto de Cooperação Internacional coordenado pelo IEF – Instituto Estadual de Florestas, que busca promover uma experiência de trocas entre gestores ambientais de Minas Gerais e da região de Nord-Pas de Calais, no norte da França. Ao longo de quatro dias, representantes dos dois países compartilharam experiências e trocaram metodologias de trabalho acerca de diagnóstico territorial e planejamento espacial nas duas regiões.

Helen Duarte Faria, presidente do Conselho do Mosaico e gerente das Áreas de Preservação Ambiental de Pandeiros e Cochá-Gibão, conta que a ideia de gestão de um território é novidade para a maior parte das pessoas, no Brasil. “O conceito de Mosaico ainda é muito novo. Quando se criou o Mosaico Sertão Veredas – Peruaçu, havia uma grande interrogação em torno de como faríamos essa gestão”, ela relembra. Para César Victor do Espírito Santo, Superintendente da Funatura –

Fundação Pró-Natureza, e Secretário Executivo do Conselho do Mosaico, um dos grandes desafios de projetos como o Mosaico, que articulam Unidades de Conservação em um território amplo e diverso, é conciliar a preservação da natureza à utilização da terra pelas comunidades. “Para que as Unidades de Conservação de uso sustentável cumpram seus objetivos, é preciso pensar na ordenação do território. Por isso, a questão do diagnóstico e do planejamento territorial é importante para nós”, ele explica.

A proposta de buscar inspiração nas práticas de gestão de território dos franceses vem nesse sentido. Na França, o conceito de Parques Nacionais Regionais envolve sempre territórios habitados: o Parque Regional Natural Scarpe-Escout, por exemplo, tem 200 mil habitantes. O trabalho consiste, segundo o diretor do Parque, Michel Marchyllie, em encontrar um equilíbrio entre a conservação do meio ambiente e a manutenção das atividades econômicas, culturais e sociais das populações que vivem ali. Christophe Tesnière, gerente de manejo do território do Parque, completa: “É preciso construir esses projetos em conjunto com as comunidades. Se o processo não for participativo, dificilmente dará certo”.

Helen afirma que é a conciliação desses interesses, que a princípio podem ser entendidos como conflitantes, é um processo de aprendizado. Para a presidente do Conselho, o momento atual é de amadurecimento: “Participar de um processo democrático de gestão é um aprendizado. Estamos começando a sair do arroz com feijão e propor coisas novas no âmbito do Mosaico”. Esse foi o primeiro de seis seminários previstos pelo projeto de cooperação. O próximo encontro está previsto para o segundo semestre de 2013, na região de Nord-Pas de Calais, na França.



Pesquisadores franceses visitaram o Refúgio de Vida Silvestre do Pandeiros. “A gestão do território deve ser feita em parceria com as comunidades”, eles afirmam.

Foto: Evandro Rodney

PARA RECEBER BEM

Curso sobre noções de empreendedorismo em turismo reúne turmas em três cidades do Mosaico

Como receber quem vem de fora para conhecer os atrativos naturais e culturais do território do Mosaico? É preciso agradar o turista ou manter as especificidades da região? Será que uma coisa exclui a outra? Foi em busca de discutir questões como essas, que o Curso de Empreendedorismo Ligado a Meios de Hospedagem e Alimentação foi realizado, entre os dias 22 de abril e 09 de maio de 2013. Previsto no âmbito do Projeto Turismo Ecocultural de Base Comunitária no Mosaico Sertão Veredas – Peruaçu, desenvolvido pelo Instituto Rosa e Sertão, e financiado pelo Fundo Socioambiental Caixa, o curso é a quarta etapa das atividades planejadas para os próximos dois anos.

As atividades foram conduzidas pela turismóloga Gabriela Rodrigues, mestre em Biodiversidade e Conservação e representante da ONG Casa Comum. A equipe formada por Gabriela, pela turismóloga e consultora em hotelaria Maria Christina Pires e pela nutricionista Elizabeth Galvão, foi responsável por elaborar o material e ministrar as

aulas, organizadas em módulos de quatro dias em três cidades do Mosaico: Januária, Chapada Gaúcha e Itacarambi.



Curso de empreendedorismo em hospedagem e alimentação buscou estimular as cores locais dos processos turísticos

Foto: Aereo Instituto Rosa e Sertão

Gabriela, Maria Christina e Elizabeth destacaram a importância de valorizar a cultura e a culinária da região na hora de receber os turistas. Sucos naturais

de frutas do cerrado, pratos típicos do sertão e utilização de elementos do artesanato local para a decoração, por exemplo, são algumas dicas para fazer com que o turista se sinta no norte de Minas – uma região cheia de particularidades que atraem visitantes de todo o Brasil.

Mas o mais importante, segundo Gabriela, é que a comunidade participe ativamente das decisões que serão tomadas em relação ao planejamento turístico (ver matéria nas páginas 4 e 5). “A minha expectativa é de que essas pessoas se empoderem”, ela relata. “Eu fico muito feliz em constatar que existe um plano de turismo de base comunitária que está sendo desenvolvido. Agora, se esse plano vai se efetivar ou não, isso depende da participação da base local.” Maria Christina avalia a turma de forma bastante positiva. Ela explica: “eu vejo o pessoal da comunidade falando, ponderando situações. É possível perceber que existe um processo que não começou agora”.

O turismo de base comunitária se apresenta, cada vez mais, como alternativa de desenvolvimento para comunidades tradicionais

Já faz mais de cinco anos que Deusdete Chagas transformou a casa onde mora em um receptivo familiar. “Mas coloca aí que o nome é Dete, que ninguém me conhece como Deusdete aqui, não”, ela corrige. Desde que nasceu, Dete vive na comunidade de Fabião I, localizada nas proximidades da entrada do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu, cuja área abrange os municípios de Itacarambi, Januária e São João das Missões. Dete não está sozinha: faz parte de um grupo de cerca de 12 moradores que, com o apoio de instituições como o Sebrae e o ICMBio, estruturaram suas casas para receber quem vem de fora.

A ideia de hospedar turistas em pousadas e receptivos familiares, estabelecendo uma relação mais próxima entre visitantes e anfitriões, pode ser inserida dentro de uma discussão mais ampla, ligada ao chamado turismo de base comunitária. Construído em um movimento de resistência às práticas do turismo de massa, trata-se de uma metodologia alternativa para o fazer turístico. “Turismo de base comunitária é uma forma de se planejar, gerir e monitorar uma atividade turística, dando prioridade para as comunidades conduzirem o processo”, explica Danielle Alves, Bacharel em Turismo e Coordenadora do projeto Turismo Ecocultural de Base Comunitária no Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu. “Há outras metodologias que não oportunizam, não dão espaço para as lideranças locais. A gente identifica nesse processo uma forma mais justa, equilibrada e capaz de trazer alguns benefícios para essas comunidades”, ela completa. A turismóloga Gabriela Barros Rodrigues, especialista em comunidades tradicionais e mestre em Biodiversidade e Conservação, afirma que é preciso ir além da visão do segmento: “Uma coisa é a metodologia, outra é o segmento. Existe essa ideia de que o turismo comunitário está ligado só ao ecoturista, ou ao turista de aventura e natureza. Mas isso é o clichê, essas coisas estão desassociadas. Eu posso fazer o turismo de base comunitária em qualquer lugar”. Seja qual for o segmento turístico envolvido, Danielle e Gabriela

afirmam que a espinha dorsal dessa metodologia é empoderamento e o fortalecimento comunitário. “Sem a organização da comunidade, não é possível fazer turismo comunitário. É isso que o sustenta”, diz Danielle. Nesse sentido, a ideia do turismo de base comunitária está intimamente relacionada aos mecanismos de inclusão e participação da comunidade local nos processos de tomada de decisão e gestão da atividade turística.

Na comunidade do Fabião I, onde Dete recebe visitantes interessados em conhecer as famosas cavernas do Peruaçu, é possível perceber como o controle da hospedagem nos receptivos familiares é feito de forma coletiva. Ela explica como funciona:



Hospitalidade do sertão: curso de empreendedorismo em turismo também discutiu os receptivos familiares

Foto: Arquivo Instituto Rosa e Sertão

“Tem uma associação das pousadas, igual a uma associação comunitária, mesmo. Lá, a gente se organiza e divide a demanda. Fica tudo certinho, quantas pessoas vão para a casa de cada um”. Como a visita ao Parque ainda está restrita aos turistas que conseguem autorização do ICMBio, Dete e seus vizinhos têm uma demanda muito baixa, quase que exclusivamente restrita a estudantes e pesquisadoras. A expectativa é que a abertura do Parque para visitação impulse o trânsito de turistas na comunidade. Sem que esse trânsito prejudique, é claro, a dinâmica de vida das famílias que moram no local.

RELATIVIZANDO O CONSUMO

Maria Christina Pires, turismóloga e consultora em Hotelaria, aponta que a reivindicação por um turismo menos predatório é uma discussão recente, que surge na tentativa de evitar o impacto que práticas de turismo de massa promoveram em diversas regiões do Brasil. Ela conta que populações de grande parte das praias do litoral brasileiro, como Pipa e Jericoacoara, e mesmo cidades históricas, como Tiradentes e Ouro Preto, enfrentaram processos violentos ligados à prática do turismo. “Os moradores são expulsos das regiões centrais das cidades por empreendimentos hoteleiros e comerciais. Fica caro para comer, para morar, para fazer tudo”, explica. Danielle acrescenta: a violência vai além da barreira simbólica, que institui relações sociais e culturais excludentes. “Há relatos de casos em que ambulantes, pescadores e outros trabalhadores ligados aos saberes tradicionais foram expulsos com agressões físicas por estarem nas proximidades dos grandes resorts no nordeste”, ela relembra.

A ideia do turismo de massa está ligada a toda uma estrutura de marketing e consumo, que invisibiliza questões sociais, culturais e ambientais nas regiões em que os grandes empreendimentos são instalados. Mas a violência não vem só do mercado: embora seja possível identificar iniciativas de apoio às práticas turísticas menos predatórias, a agenda de políticas públicas de turismo no Brasil ainda está muito voltada à massificação e aos grandes interesses comerciais. “É contraditório. O mesmo Estado que apoia a Copa do Mundo é o Estado que dá um pequeno apoio ao turismo de base comunitária e à política de Regionalização do Turismo no Brasil, que propõe a participação da sociedade civil. Se de um lado há um esforço para que isso aconteça, de outro me parece que existe uma pressão econômica muito maior”, avalia Danielle.

É importante perceber como a ideia do turismo de massa atravessa recortes de classe. “Quando se fala de turismo de massa, você logo imagina um ônibus, 45 pessoas parando numa praia cheia,

MOSAICO DISCUTE

com criança, frango frito, isopor com cerveja. Esse é apenas o estereótipo”, explica Maria Christina. “Mas o turismo de massa é tudo aquilo que pode ser entendido como ‘turismo a qualquer custo’. É possível associar a massificação do turismo a um modelo de desenvolvimento fragmentado e restrito, que se baseia apenas no aumento do poder econômico. Ainda assim, a realidade dos destinos mais cobiçados pelo mercado revela que poucas vezes esse “desenvolvimento” traz melhorias efetivas para a vida das comunidades. “A atividade turística é vendida como uma solução para todos os problemas econômicos, sociais e ambientais”, denuncia Danielle. Gabriela também questiona a validade desse discurso: “É uma promessa muito ampla, muito rápida e muito ilusória”.

OUTRO LADO DA MOEDA

“É um erro pensar, por outro lado, que o turismo é uma atividade completamente perversa e que não é possível nenhum tipo de ganho”, ressalva Gabriela. A proposta da metodologia de base comunitária é inverter essa equação, empoderando as lideranças locais para que as próprias comunidades possam

conduzir os processos turísticos, na direção que melhor lhes convir. E não é só a comunidade que sai ganhando. O turista tem a oportunidade de conhecer outro modo de hospitalidade, que vai além da relação de consumo e exploração. Danielle acredita que a abordagem sensível às especificidades e potencialidades locais possibilita uma relação mais afetiva e respeitosa entre turistas e a comunidade. “Há uma troca, um intercâmbio cultural que configura outras formas de entendimento”, ela pontua.

Dete parece concordar. Ela conta que os visitantes ficam muito satisfeitos com a hospitalidade do sertão, que envolve inclusive a experiência das refeições preparadas com cuidado pelas anfitriãs. “Tem o frango caipira, o peixe frito, a costela com mandioca, picado fruta pão. No café da manhã tem biscoito frito, cuscuz, peta, beiju. Sempre comidas aqui da região mesmo. O povo adora!”. Acentuando a dimensão dos intercâmbios que o turismo de base comunitária proporciona, Dete garante que o gosto pela visita é recíproco. “As pessoas que frequentam minha casa são tudo gente boa! Eu fiz um monte de amigos com o turismo!”.



Para conhecer as cavernas do Peruaçu, os visitantes apostam em uma relação mais próxima com a comunidade

Foto: Ronaldo Sarmento

TURISMO ECOCULTURAL DE BASE COMUNITÁRIA NO MOSAICO SERTÃO VEREDAS - PERUAÇU

Na esteira das discussões que vem sendo realizadas há quase 10 anos na região, o Conselho do Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu identificou a necessidade de se apresentar alternativas de geração de trabalho e renda para as comunidades que vivem no território. Um dos projetos previstos no Plano de Desenvolvimento Territorial de Base Conservacionista (DTBC) é o fomento ao turismo ecocultural, por meio de cursos de qualificação profissional voltados à prática do turismo e de ações de divulgação dos atrativos naturais e culturais do território. Buscando atuar em sintonia com as deliberações do Conselho e contribuir para o fortalecimento das comunidades do território do Mosaico, o Instituto Rosa e Sertão desenvolve as ações do projeto por meio da metodologia do turismo de base comunitária.

O projeto é financiado pelo Fundo Socioambiental Caixa e tem o apoio do Fundo Nacional do Meio Ambiente/ MMA.

Informações:

Instituto Rosa e Sertão – 38 3634-1463 /
projetotbcmosaico@gmail.com

RECEPTIVOS FAMILIARES EM FABIÃO I

Para se hospedar nos receptivos de Dete, Mariza e outros moradores da região, basta ligar e combinar com o dono da casa. A estadia sai em média a R\$ 55, com todas as refeições incluídas. Os preços são negociados de acordo com a demanda.

Mariza: 38 3623 1014 / Dete: 38 9912 8063 /
Samuel: 38 9999 8525

Atividades de agronegócio no entorno do Parque Nacional Grande Sertão Veredas trazem problemas para os pequenos produtores e ameaçam à biodiversidade da região

A princípio, pode soar estranho que o município de Chapada Gaúcha esteja localizado no sertão de Minas Gerais. A explicação está na história do local, colonizado na década de 70 por famílias vindas do sul do país. Atraídos pelo preço da terra, os colonos gaúchos estabeleceram ali extensas lavouras, importando para o cerrado um modelo de exploração baseado na monocultura e no plantio linear de grãos. Hoje, o agronegócio constitui a principal atividade econômica local. Marco Túlio da Silva Ferreira, Gestor Técnico do Projeto Extrativismo Vegetal Sustentável no Mosaico Sertão Veredas –Peruaçu, denuncia as dificuldades que a hegemonia da agricultura intensiva traz para outras formas de lidar com a terra, desarticulando todo um modo de vida. “Do jeito que as coisas estão postas na dinâmica territorial, é impossível que as comunidades tradicionais e os pequenos produtores agroextrativistas consigam sobreviver aos impactos do agronegócio na região”, ele aponta.



Monocultura: imagem de satélite mostra a apropriação da terra no entorno de Chapada Gaúcha

Foto: www.maps.google.br

Impactos que articulam as dimensões cultural e ambiental da ocupação do território. Em torno da sede no município de Chapada Gaúcha, há três unidades de conservação ambiental: o Parque Nacional Grande Sertão Veredas, o Parque Estadual Serra das Araras (ambos classificados como áreas de proteção integral) e a Reserva Estadual de Desenvolvimento Sustentável Veredas do Acari. Marco Túlio explica que muitas vezes as lavouras vão até os limites das unidades de conservação, desrespeitando as zonas de amortecimento

previstas nos planos de manejo. Mesmo quando não infringem a delimitação do território, essas atividades dificultam o trabalho de extrativismo no local. “O agronegócio avança rapidamente nas áreas das comunidades de Buracos e Buraquinhos, por exemplo, onde há áreas de importância para o extrativismo de plantas e frutos do cerrado, como a favela e o araticum”.

Além do desmatamento de áreas nativas de cerrado, outro problema sério é o uso indiscriminado de agrotóxicos. Desde o início do ano, denúncias envolvendo a dispersão aérea de defensivos agrícolas revelam o risco eminente de que as áreas protegidas sejam atingidas por esse tipo de produto. Mas os aviões não são o único fator que inspira cuidados. Ainda que os venenos não fossem despejados por via aérea, diversas pesquisas apontam como a utilização manual de agrotóxicos

pode levar à contaminação do solo e dos recursos hídricos do entorno das lavouras. O plano de manejo do Parque Nacional Grande Sertão Veredas, elaborado em 2003, prevê a implantação de um programa de monitoramento da qualidade das águas superficiais. Até hoje, no entanto, nenhum estudo do tipo foi realizado na região.

ALTERNATIVAS

De acordo com Marco Túlio, a única maneira de minimizar os impactos do agronegócio é buscar outros paradigmas, que promovam práticas sustentáveis de relação com o território. O cerne da questão, para o biólogo, é perceber a falsa dicotomia estabelecida entre produção agrícola e preservação da biodiversidade. “Há uma ignorância muito grande em torno da terra. A visão geral dos médios e grandes produtores é a de que o cerrado é um mato, que deve ser domesticado”. Para que seja possível uma relação de convivência saudável entre diferentes escalas de atividade agrícola, a valorização da biodiversidade

local e o reconhecimento da sabedoria tradicional são questões fundamentais. “É preciso considerar o manejo do ecossistema agrícola como um todo, em uma compreensão holística da relação entre os componentes biológicos, o solo e os recursos hídricos envolvidos”, ele explica. O uso de agrotóxicos pode ser evitado com dinâmicas simples, como a diversificação do sistema, em métodos como a rotação de culturas, e o manejo sustentável das pragas, através de práticas de controle biológico.

FAUNA DO CERRADO

CACHORRO VINAGRE

Criticamente ameaçado de extinção, o cachorro vinagre é um mamífero raro em toda a sua área de distribuição, que compreende algumas regiões de cerrado, mata atlântica e florestas tropicais da América do Sul. Diferente de outras espécies de canídeos, ele vive em grupo e é totalmente carnívoro, alimentando-se de roedores como tatu, paca e cotia. Além disso, é a única espécie da família que tem cinco dedos nas patas da frente, ligados entre si por uma espécie de membrana. Duas hipóteses diferem quanto às razões para o nome escolhido: alguns pesquisadores o relacionam à urina do animal, que teria um cheiro avinagrado. Outros,

afirmam que o nome é associado à cor de sua pelagem, de tom marrom avermelhado. A primeira descrição de um vinagre em Minas Gerais foi feita pelo paleontólogo dinamarquês Peter Lund, em 1842. A espécie foi considerada extinta na região até 2004, por não haver registros de sua ocorrência no estado. Em setembro do ano passado, foram registradas imagens em vídeo de um cachorro vinagre por uma armadilha fotográfica instalada pelo Instituto Biotrópicos no Parque Estadual Veredas do Peruaçu, situado dentro dos limites dos municípios de Januária e Cônego Marinho.



Imagem por Miguelangeljr (Own work) (CC-BY-3.0 (http://creativecommons.org/licenses/by/3.0)), via Wikimedia Commons

Bauzinho tem 55 anos, meia dúzia de filhos e 86 edições de cordéis publicados

Seu Bauzinho me recebeu dentro de uma cisterna. Quase pronta, ela era a primeira das onze que serão construídas na comunidade do Traçadal, na região de Pandeiros, a 50 km de Januária. Como é o único pedreiro do lugar, enquanto não chega ajuda, Baú vai construindo as cisternas sozinho. Valdenice, sua esposa, conta que o processo de construção dessa primeira levou mais de cinco dias. Mas ele relativiza: "A minha eu termino hoje. Já comecei da minha sogra, Dona Maria, e também a da outra Maria, que mora ali do lado. Dá trabalho, mas eu sei que

vale a pena".

Nos arredores do Traçadal, ninguém o conhece como Laurimar de Jesus, como foi batizado. O apelido "Bauzinho" o acompanha desde criança. Ele conta que, com o tempo, a família foi notando que era muito inteligente e desenvolvia rapidamente habilidades de todos os tipos. Além disso, sempre teve pouca altura: na hora do almoço, seu pai se sentava num cepo de madeira e colocava o prato em um tamborete. Ele era tão pequeno, que comia junto, porém de pé. "Baú é de guardar coisa velha, né? Mas como eu era pequeno, meu primo colocou Bauzinho", ele explica.

Com 55 anos, a cisterna é só mais um item na sua lista de produções. Além de pedreiro, marceneiro e cerqueiro, Baú é presidente da Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroextrativistas de Pandeiros, a Coopae, que trabalha com produtos do Cerrado, como a polpa de pequi, o buriti e o tamarindo, o último, oriundo da África. Mas a fama de Seu Bauzinho vem do talento que tem com as palavras. Ele escreveu seu primeiro cordel inspirado pelos livrinhos que o primo trazia de Brasília: "Eu ficava contando as histórias dos cordéis e todo mundo achava muito engraçado. Aí um dia eu parei e falei: mas você sabe que eu podia escrever um? E fui tentando escrever, escrevi", relembra.

Ele explica que a diferença entre poemas e cordéis está na métrica: os dois gêneros são escritos em seis frases, mas muda a forma de fazer a rima. Baú escreve também os chamados martelos, escritos em sete frases, e as poesias simples, em quatro frases. Qualquer que seja o gênero, toda vez que Bauzinho começa a declamar, junta gente para ouvir. Nas reuniões do Projeto Pandeiros, por exemplo, organizadas pelo IEF, ele sempre fechava os trabalhos com um poema. O resultado é que suas criações já foram ouvidas de Brasília a Japonvar, passando por cidades como Bonito de Minas, Montes Claros, Arinos e Chapada Gaúcha.



Foto: Evandro Rodiney

Sanfoneiro desde pequeno, Bauzinho é disputado nas folias das comunidades vizinhas ao Traçadal

A primeira história de Bauzinho foi sobre seu pai, José Gomes Negrão, que estava doente. Desde então, já publicou 86 edições de cordéis, em livrinhos que vende a R\$ 2. Os temas variam bastante: Baú escreveu sobre assuntos tão diversos como a visita do Papa João Paulo II ao Brasil, a preservação do Rio Pandeiros e a morte da menina Eloá. Inspirado por uma fita da dupla Silveira e Barrinhas, Bauzinho começou a escrever também os poemas, e lembra de cabeça de todos os que já escreveu. O poema "Verdade Verdadeira", no quadro ao lado, foi composto para o Encontro de Pescadores de Januária e, segundo Baú, "é o que está na mídia agora". Outro sucesso de público é "O pai do menino da porteira", que ganha um bis sempre que é recitado.

Na região de Januária, Bauzinho é disputado ainda por sua vocação musical. Sua primeira sanfona foi comprada com oito anos, em troca de um frango e uma lapiseira. Além da sanfona, ele toca violão e viola, marca São Gonçalo, faz canto da igreja e escreve as folias das comunidades do entorno: Palmeirinha, Barra de Mandins, Cabeceira de Mandins, Campos, Quilombo e Angicos cantam versos compostos por ele. Valdenice conta que muita gente fala que Baú está desperdiçado onde mora. "Às vezes vem um pessoal de longe e diz que era para ele estar ganhando muito dinheiro". A resposta de Bauzinho é imediata: ele não vai a lugar nenhum. "Se eu sair daqui, o lugar vai ficar sempre fraco. Se vocês acham que eu tenho valor, então eu tenho que ficar é aqui."

Verdade Verdadeira Laurimar de Jesus (Bauzinho)

"Todo verso que eu recito
o povo acha bonito
porque é realidade.
O povo me admira
pois não sei contar mentira
e eu só falo a verdade.
O homem que é contador
de história de pescador
é uma beleza rara.
Falo com todo o respeito:
eu já fui o melhor prefeito
da cidade de Januária.
Pra vocês eu vou falar,
quando inventei o celular,
também a televisão
Eu fui lá em Belo Horizonte
ensinei Santos Dumont
a fazer o primeiro avião.
Eu nunca fui na escola,
mas sou o rei da viola
nascido no chão mineiro.
Falo com toda a franqueza
e vocês podem ter certeza:

sou professor de Tião Carreiro.
Parece até uma praga,
ensinei Luiz Gonzaga
a ser o rei do baião.
De bater, eu não tenho dó,
peguei Maguila e Popó
e bati só com uma mão.
Eu não sou corinthiano
eu sou é atleticano,
pois no Galo eu boto fé.
Eu pesco peixe sem anzol,
eu sou o rei do futebol,
mas dei a coroa pra Pelé.
Sou um grande fazendeiro
mas não guardo meu dinheiro
nos bancos do meu estado.
Eu vivo lá no recanto
e só ligo pra Sílvia Santos
porque é meu empregado.
No recanto aonde eu moro,
tem alguém que eu adoro
lá eu vivo no sossego.
(...)

TRAVESSIA

Criado em 2004, o Refúgio Estadual de Vida Silvestre do Pandeiros é uma Unidade de Conservação de Proteção Integral de cerca de seis mil hectares, localizada no município de Januária. Estabelecido em torno do Rio Pandeiros, o local abriga o chamado "Pantanal Mineiro", área alagável cercada por um complexo de lagoas marginais. O Refúgio atua como berçário natural para a reprodução de diversas espécies de peixes que habitam o Médio São Francisco, como o surubim, o dourado e o piau-verdadeiro. Além disso, diversos turistas o procuram por seu Balneário. Além de se refrescar no poço das cachoeiras, outro atrativo do Balneário é o almoço na casa de Dona Bia, que sempre tem frango caipira, pirão e pequi para os visitantes.

SUSPIRÂNCIA

FESTA SERTANEJA

Realizado há 11 anos, o Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas busca celebrar as expressões culturais da região

“O sertão é do tamanho do mundo”. O jagunço Riobaldo

Tatarana, um dos personagens mais famosos do escritor Guimarães Rosa, brinca com a universalidade de um dos cenários mais particulares do Brasil. Nesse “lugar sem lugar”, a vastidão do espaço, a aspereza da geografia local e os modos de vida das comunidades sertanejas configuram uma realidade cultural bastante singular. Foi buscando celebrar a cultura sertaneja em sua diversidade de manifestações, que nasceu o Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas, idealizado pela Fundação Pró-Natureza (Funatura) em 2002.

Desde então, o Encontro vem sendo realizado anualmente, sediado no município de Chapada Gaúcha. Damiana Campos, coordenadora do Instituto Rosa e Sertão, explica que a proposta do evento é fugir à ideia dos grandes Festivais de Cultura, configurando um espaço de trocas entre os próprios sertanejos. “A palavra que usamos não é festival, mas sim ‘encontro’. É isso o que desejamos ao longo dos quatro dias intensos de programação cultural: o encontrar com o outro e consigo mesmo em um espaço de troca”, ela aponta. O público central do Encontro é constituído de moradores das comunidades do entorno do Parque Nacional Grande Sertão Veredas, que abrange áreas dos municípios de Arinos, Chapada Gaúcha e Formoso (em Minas Gerais) e Cocos (na Bahia).

Damiana conta que o Encontro dos Povos busca estabelecer um olhar para o sertão em sua inteireza, articulando a dimensão cultural à realidade dos conflitos ambientais e à necessidade de fortalecimento das comunidades da região. A programação envolve manifestações culturais, feira de produtos da agricultura familiar e do extrativismo e mesas redondas, que buscam trazer discussões acerca da

agenda política da região.

Além disso, os quatro dias de evento podem ser entendidos como uma síntese de uma série de discussões e encontros que acontecem ao longo do ano, configurando um diálogo expandido entre lideranças comunitárias de diversos municípios da região. “Assim que termina um Encontro, começa outro”, comenta Damiana. “O resultado é que os povos da região estão constantemente reinventando suas manifestações culturais, a partir das transformações que vêm com o tempo”, ela afirma.

Desde o ano passado, a coordenação do Encontro dos Povos está a cargo do Instituto Rosa e Sertão, como previsto no projeto Turismo Ecocultural de Base Comunitária no Mosaico Sertão Veredas – Peruaçu. Damiana afirma que a rubrica específica do projeto no Mosaico e a metodologia de mobilização social e produção cultural utilizada possibilitaram que o Encontro dos Povos se transformasse em um “espaço regional”. “O Encontro é espaço de ‘culturas-naturezas’ em seu sentido mais profundo, sem dissociações. A proposta é pensar em junções de culturas em naturezas que contribuam para a transformação social”, ela explica.

A XII edição do Encontro dos Povos do Grande Sertão Veredas está programada para os dias 11, 12, 13 e 14 de julho de 2013, com o tema central “Cerrado: berço das Águas”. Uma novidade do encontro de 2013 é a realização do I Encontro Regional da Rede Cerrado em Minas Gerais, que deve reunir lideranças de movimentos pelo Cerrado em pé em todo o estado para discutir questões ligadas à preservação ambiental e à diversidade cultural que o bioma agrega.

Acompanhe a preparação do XII Encontro dos Povos em sua página no Facebook: <http://www.facebook.com/encontrodospovos>.

NONADA

UM DEDO DE PROSA CATRUMANA

Nas secas úmidas de um lamaçal sangrento
A dor de quem carrega no peito a vontade da vida
Mesmo quando a decisão natural do Opará é a favor
Na alegria de fartura ou da perda consciente
Na esperança de que dias melhores hão de vir.

Num rastilho de pólvora, a permanência de barranco
Na labuta de enxada sol a sol, o calejar contínuo de um amargo dia
A bandeira hasteada no quilombo da lapinha,
como a mais de 500 anos, que a coroa portuguesa os oprimia.

De valentes denodados na licença desses versos empoeirados,
de machado foice, cangaia e cangaço, de Lampião a Zumbi
Da canastra a penedo. No esforço e força da energia, do milho e da abobora
donde só na terra dá. A alegria da farinha da mandioca, que de longe a fome ver passar.

Na vazante a Mariana Dupin dizia,
da consciência do povo que apretendia
Plantar quando opará apermitisse
No pau preto, pau de légua, noutros barranco daqui de perto,
mas nunca de desmate isso se afazia
Com leis de homens brancos, pra preservar o que eles não entendia
Com ou sem a tar lei, ali era tudo sua valia.

Nos versos de esperança e de fartura,
de causa e causo de bichos, lendas, pescarias
Dedico esse dedo de prosa a esse sertão,
cheio de riquezas de danças, festas e romarias
Gerazeiros, catingueiros, vazanteiros que avigia,
amparados pelo amável opará, todo, todo, todo seu santo dia.

Os irmãos sem terra, da volta da serra e doutros canto nunca esperou sentado
Esse tal assentado, quase não se vê o protagonista lavrador
O latifúndio imundo, um mundo coronelizado, da elite do opressor
A margem na mão da contradição, um ato perfeito pro invasor,
pro invasor, pro opressor, para o desamor. Cadê a flor, cadê o amor?

(Raimundo Nonato)

Raimundo Nonato é de Itacarambi/MG. É, além de poeta e compositor, ambientalista, espeleólogo, músico e estudante de Biologia.

A coluna “Nonada” é um espaço aberto pelo Jornal do Mosaico para que autores do Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu ou que escrevam sobre o ‘Sertão’ possam publicar pequenos textos em prosa, verso, poema ou poesia. Para participar, os autores devem enviar seus textos para o endereço jornaldomosaico@gmail.com. A cada edição o texto será selecionado pelo Conselho Editorial do Jornal e divulgado com o respectivo crédito. Participe!”

SEMPRE-VIVAS

Confira algumas festividades que acontecem no mês de maio e junho no território do Mosaico:

De 04 de maio a 15 de junho - Ruas da Cultura: o Cerrado vai à Rua – Atividade realizada pelo projeto Turismo Ecocultural de Base Comunitária no Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu, em parceria com as onze prefeituras

3 a 12 de maio – Festa de Santa Cruz – Januária

13 de maio – Festa de São Gonçalo – Uruçuia

22 de maio – Festa da Padroeira Santa Rita de Cássia – Traçadal (Januária)

25 e 26 de maio – Festa do Mês Mariano – Sagarana (Arinos)

11 a 13 de junho – Festa de Santo Antônio – Serra das Araras (Chapada Gaúcha)

Semana do dia 24 de junho – Festa Junina – São João das Missões

Realizador



Correalização



Prefeituras Municipais de Arinos, Bonito de Minas, Chapada Gaúcha, Cocos/BA, Cônego Marinho, Formoso, Itacarambi, Januária, Manga, São João das Missões e Uruçuia

Conselho Consultivo do Mosaico Sertão Veredas-Peruaçu.

Financiador



Paceiros



Ministério do Meio Ambiente
Ministério da Fazenda